



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

HISTÓRIA NO FEMININO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER ANGOLANA EM DIFERENTES TEMPOS NA OBRA DE PEPETELA



HISTORY IN THE FEMININE: THE REPRESENTATION OF THE ANGOLAN WOMAN IN DIFFERENT TIMES IN THE WORKS OF PEPETELA

Letícia Alves FRANZINI
Daniel Marinho LAKS

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 20/05/2019 • APROVADO EM 06/01/2020

Resumo

A escrita histórica é algo que vem sendo habitual na produção literária de Pepetela. Em decorrência de estar inserido em um contexto teórico pós-colonial, é possível explicitar na obra do autor uma rearticulação da história de Angola, que do ponto de vista das teorias pós coloniais, visa trazer voz para aquele que foi silenciado pela opressão e pela colonização. Apesar do já conhecimento dessa faceta do autor, ainda se tem a possibilidade de novas leituras que articulam pontos distintos dos já teorizados para essa rearticulação histórica. Assim, o presente artigo, tem como objetivo principal trazer uma leitura de duas obras de

Pepetela, observando o modo como a representação feminina pode refletir e articular certo panorama da história. Pretende-se, portanto, analisar a partir de personagens femininas a narração da história e fazer paralelos entre a narrativa e a história de Angola.

Abstract

The historical writing is something that has been habitual in the writings of Pepetela. As a result of being inserted in a postcolonial theoretical context, it is possible to make explicit in the author's work a re-articulation of the history of Angola, which from the point of view of post-colonial theories aims at bringing a voice to those who have been silenced by oppression and colonization. Despite the knowledge of this facet of the author, there is still the possibility of new readings that articulate points different from those already theorized for this historical rearticulation. Thus, the main purpose of this article is to provide a reading of two works by Pepetela, observing through them the way in which the female representation can reflect and articulate a certain panorama of history. It is intended, therefore, to observe from female characters the narration of history and thus make parallels between the narrative and the history of Angola.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Angolana. Representação feminina. Pepetela. Pós-Colonial. Representação da História.

KEYWORDS: Angolan Literature. Female representation. Pepetela. Post-Colonial. Representation of History.

Texto integral

O presente artigo tem como objetivo analisar a escrita romanesca na interface entre Literatura e História existente em Angola a partir de duas obras de Pepetela, pseudônimo do escritor Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. São as obras, *A Geração da Utopia*, publicada em 1992 e *Se o Passado não Tivesse Asas*, de 2016.

Os dois romances escolhidos para compor a presente análise retomam momentos específicos do passado angolano para refletir sobre o processo de formação da nação e da consolidação de uma identidade nacional. A partir da retomada de momentos-chave da história angolana, os romances de Pepetela possibilitam uma abordagem dos episódios de guerra a partir de um viés humano, lançando luz sobre os processos de transformação das subjetividades ao longo do tempo e das transformações políticas do país.

Em *Ficção e História na Literatura Angolana: O caso de Pepetela*, Inocência Mata, traça um breve percurso da formação da literatura angolana, ressaltando seu caráter de instrumento de fundação de um projeto identitário para a nação. Nesse sentido, Mata propõe um percurso que vai desde o fim do colonialismo, com a diferenciação entre o espaço angolano e o espaço metropolitano português, até as

dinâmicas próprias da contemporaneidade em Angola. A teórica são-tomense explica que durante o período de luta pela independência angolana, houve a criação de uma corrente literária e social, nacionalista. Esta prezava pela criação de uma nação una que visava o ideal coletivo em detrimento de particularismos. Essa corrente, majoritariamente impulsionada por uma elite urbana, trazia um ideal homogeneizante de um país, onde a pluralização do corpo social era vista como ameaça a um ideal de independência cultural que justificava uma independência política.

O nacionalismo, mesmo pertencente a uma dinâmica altamente exclusivista, foi extremamente importante para a criação de um ideal de Angola, que fez com que o povo acreditasse que todos faziam parte de uma nação homogênea e com características sólidas e bem demarcadas. Começa então, a partir desse momento literário, a ideia de se ter a literatura como criadora de um povo e sua história. Afinal, a produção literária desta corrente, começa, a partir do seu ponto de vista e dos seus ideais, a delimitar o que seria o povo angolano, ressaltando suas características, motivações e aspectos culturais, para assim criar, estipular, o que seria a nação angolana em sua posição de oposição ao colonizador. Sobre esse nacionalismo Inocência Mata salienta:

E ainda que o nacionalismo possa, hoje, no mundo ocidental, ser considerado um projecto que potencia a exclusão – e, como tal, contrário a ideologia da diferença e nefasto à harmonização histórica e à pacificação de conflitos entre alteridades -, em tempo da “grande desordem”, que foi o tempo colonial, o nacionalismo foi a ideologia que possibilitou o processo de resgate de identidades históricas colectivas destruídas ou amarfanhadas pela lógica da dominação colonialista. (MATA, 2010, p. 84)

A partir dessa nova corrente se tem as representações da angolanidade, ou seja, a representação deste corpo idealizado e unitário que constitui a Angola. Cabe, portanto dizer que o termo angolanidade pode ser considerado equivalente à nacionalidade. Sendo diferenciado apenas para trazer a ideia de não dependência a uma metrópole colonizadora, criando para si algo que difere do que é usado pelo colonizador. Assim, a principal característica das narrativas pertencentes a esse período era a escrita da nação, ainda que a partir do ponto de vista daqueles que detinham as ferramentas de produção de um projeto de país, ou seja, a elite intelectual da época. É dentro desse panorama que se apresentam as primeiras experiências de uma escrita que vem com o caráter utópico de delimitação nacional, para construir um ideal do que é Angola, e o que é ser angolano e, assim, se impor enquanto povo, que se quer livre e distinto do Portugal colonizador.

Posteriormente a essa corrente nacionalista, a literatura angolana investe num processo de pluralização do corpo social, investindo no ideal de criação de uma identidade nacional a partir não apenas da denúncia dos mecanismos de opressão colonial, mas também daqueles que ficaram como herança neocolonial.

Nesse sentido, a produção literária angolana funda-se como um profícuo campo de estudos para dinâmicas pós-coloniais.

O termo pós-colonial surge primeiramente no campo historiográfico, para posteriormente ser desenvolvido no âmbito dos estudos literários. Em seu livro *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*, Ana Mafalda Leite deixa claro que na literatura: “pós-colonial não designa um conceito histórico ou diacrônico, mas antes um conceito analítico que reenvia às literaturas que nasceram num contexto marcado pela colonização europeia.” (LEITE, 2003, pp. 11). Portanto, o termo deixa de lado seu caráter histórico e diacrônico, a fim de se tornar chave para análise de obras surgidas em um local marcado pela colonização europeia.

Assim, dinâmicas pós-coloniais estão presente em todas as nações colonizadas, que em certa medida buscam se diferenciar de seu colonizador, seja ele Portugal, França ou qualquer outro país europeu. Delimitando o conceito às nações africanas, principalmente àquelas colonizadas por Portugal, Inocência Mata, no artigo “A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares comuns”, apresenta um panorama das especificidades dos processos de colonização e independência desses países a fim de demonstrar o pressuposto de uma nova visão da sociedade, que reflete sobre sua própria condição periférica, tanto no nível estrutural quanto conjectural. A discussão proposta baseia-se em recorrências temáticas e técnico-compositivas que parecem, para Mata, produtos de uma punção característica da condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa. As transformações observadas nos diferentes sistemas literários refletem alterações identitárias desencadeadas por uma evolução marcada por três momentos diferentes: uma condição colonial; um momento imediatamente após a independência; uma época onde tornou-se necessário rever se, de fato, as dinâmicas nacionalistas atingiram os objetivos almejados, proporcionando uma cidadania plena:

Essas transformações, operadas no sistema literário dos cinco países, revelam-se, para mim, motivadas por uma consciência que evoluiu da sua condição nacionalista para a exigência da condição de cidadania plena e que encontra necessidade de voltar a territorializar o indivíduo a sua dimensão essencial, neste virar do milênio, uma época em que universalidade se tornou “quase” sinônimo de difusão e as fronteiras identitárias se alargaram para além da afirmação da existência (MATA, 2003, pp. 3-4.)

O pós-colonialismo em Angola, dessa maneira, pode ser pensado como propulsor de uma conscientização sobre as diferenças, a fim de fazer com que os indivíduos pensem criticamente sobre as dinâmicas de poder localizadas não apenas nas relações entre metrópole e colônia do período anterior à independência, mas entre centro e periferia presente nos dias atuais. Neste movimento, Pepetela se insere como um dos nomes mais importantes dessa literatura, pois a partir de sua escrita faz uma retomada da história angolana,

trazendo à tona diversos olhares que estiveram envolvidos em conflitos variados e desnudando as transformações dos discursos de diferentes estratos sociais: o angolano branco ou o negro, a mulher e o homem, a criança e o velho. É nesse sentido que a literatura de Pepetela pode ser pensada como substrato para a produção de uma crítica pós-colonial, capaz de lançar reflexões sobre a estratificação da nação angolana de forma difusa e abrangente, inserindo agora todas as diferenças, sejam elas individuais, ou sociais.

Tanto em *A Geração da Utopia*, quanto em *Se o Passado não tivesse Asas*, o plano de fundo usado pelo autor é o das guerras angolanas, mostrando, através de distintas visões, como era de fato a sobrevivência do povo, não só daqueles que iam para guerrilha de fato, como para aqueles que estavam às margens dos conflitos, mas, mesmo assim, tinham de achar meios de viver no caos que se instaurava no país. Inocência Mata mostra ser esse pano de fundo da guerra como marcação temporal algo recorrente na obra de Pepetela, funcionando como estratégia para narrar a nação:

Por isso, um aspecto característico da estética romanesca de Pepetela é a guerra como marcador da temporalidade. Esse tipo de marcação da dinâmica temporal, tão frequente nos romances de Pepetela, é determinado pela “matéria temporal”: narrar a nação angolana pressupõe a textualização de um passado de guerras e de guerra como força motriz das transacções cíclicas [...]. É também a guerra que marca o ritmo da periodicidade, com a desestruturação social, a sua reordenação implicando reajustamentos de mentalidades e instituições, significadores importantes de mudança dos ciclos históricos. (MATA, 2006, p. 81)

A Geração da Utopia, descreve o percurso de um grupo de jovens africanos, inicialmente residentes em Portugal e envolvidos nas atividades da Casa dos Estudantes do Império durante os inícios da guerra colonial. O romance explora sua participação em atividades políticas, seus conflitos, suas transformações e seu envolvimento nas lutas pela libertação nacional angolana. Nesse sentido, descreve uma curva desde o tempo das esperanças utópicas juvenis até o período marcado pelo início de uma sociedade baseada em ideais capitalistas, ou seja, altamente pautada em relações de poder e posse. A transformação das personagens ao longo da narrativa parece dar conta de como muitos desse heróis da guerra no fim acabam se transformando junto com o ambiente, aderindo a esse modo de vida e abandonando todos os ideais anteriores.

Já *Se o Passado não tivesse asas* narra o desenrolar paralelo de duas histórias. A primeira se passa durante o período da guerra civil e traz o percurso da personagem Himba, que perde os pais numa emboscada ao tentarem fugir de sua cidade para Luanda. A partir de então a personagem passa a viver nas ruas, e a narrativa mostra todo o percurso e sofrimento dessa criança abandonada à própria sorte em um espaço devastado pela guerra. A segunda história, situada em outro período cronológico e ambientada em outro espaço psicossocial, descreve o

percurso da personagem Sofia, jovem trabalhadora que tenta se enquadrar aos preceitos de uma sociedade liberal e conseguir viver dentro dessa necessidade de obtenção de riquezas e bens que é característica desse modo de organização social. No decorrer da narrativa acaba-se por desvendar que as personagens são na verdade uma só e se descobre os motivos que levaram Sofia a mudar de nome e se esforçar ao máximo para deixar seu passado e história pra trás, iniciando uma nova vida.

Analisando os textos, foi possível observar nas obras uma espécie de cronológica, como se o tempo narrativo das obras se completasse. A Geração da Utopia, se inicia em 1961, justamente ano de início da Guerra Colonial e se encerra em 1991, ou seja, período onde já havia passado um dos grandes confrontos da Guerra Civil, que se iniciou a partir de 1975 no país e no qual já se encontra vigente o governo do MPLA. Já em Se o Passado não tivesse asas, a narrativa se inicia em 1995, período onde Angola se encontrava em Guerra Civil, e se intercala com o ano de 2012, ano onde o país já se encontrava em um pós guerra, sob a vigência de um regime presidencialista, mas explicitado como completamente inserido em dinâmicas de um capitalismo global, ou seja, já pautado em ideais de produção e troca, assim como nas necessidades de exploração, tanto da natureza, quanto da mão de obra trabalhadora, que neste modo de organização social, vende sua força de trabalho, a fim de gerar renda e, portanto, sobreviver.

A partir dessa perspectiva de percurso propõe-se pensar em um ponto apresentado por Inocência Mata no ensaio “A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares comuns”. A autora recupera a teoria dos três D’s usada por Lylian Kesteloot no décimo segundo capítulo da edição de 1992 de sua, *Anthologie négro-africaine: histoire et textes de 1918 à nos jours- panorama critique des prosateurs, poètes et dramaturges noirs du XX siècle*, para mostrar a nova temática adotada na literatura pós colonial por escritores africanos de línguas inglesas e francesas. Essa nova temática estaria ligada à representação da dívida, da demografia e da ditadura, a ser expressa pelo ciclo, reivindicação cultural e pátria, esperança e euforia (aqui colocado como tempo da utopia), desilusões e contradições (tempo de distopia) e a amarga lucidez e angústia do desencontro com a história (tempo de atopia). A partir desse ciclo, Mata propõe que do entrechoque desses três D surgiria um quarto, sendo ele a democracia, colocada como nova fonte de matéria ficcionalizante nas literaturas africanas contemporâneas. Levando em conta essa teoria, Inocência Mata ressalta que também na literatura dos cinco países de língua portuguesa a revitalização do sonho vem sendo representada de maneira cíclica, e, a partir disso, explicita o ciclo que foi adotado por ela como responsável por essa revitalização. Esse percurso se inicia por uma utopia que se transforma em um desencantamento, ou seja, uma distopia, caminhando a partir daí para uma indiferença, atopia, e, por fim, alcançando esse reencantamento, denominado aqui de heterotopia.

Pensando a partir desse referencial, é possível explicitar esse ciclo nas obras escolhidas para análise no presente ensaio. O percurso se inicia em A Geração da Utopia, onde se apresenta uma esperança de melhora, uma vontade de lutar, ou seja, uma utopia apontada por esses estudantes que questionavam o

mundo em que viviam e, por terem em seu âmago essa sede de mudança, decidiram participar das lutas anticoloniais, partindo pra integrar os quadros da guerrilha. A partir dessa ida para guerrilha, as coisas começam a mudar. Afinal esse ambiente não é aquilo que se imaginava, e as corrupções e problemas impulsionam alguns desses personagens a uma desesperança, um desencantamento, ou seja, começa a transformação que levará para uma distopia. Por fim, o livro se encerra em um ambiente completamente distópico, onde já se vive em um modo de vida pautado em ideais capitalistas e, portanto, começam a surgir problemas como: a manipulação do povo através de dinheiro e crenças, as desigualdades sociais, e outros problemas que vem na bagagem da necessidade de obtenção de riquezas. Sendo possível observar isso em trechos da obra, como o a seguir:

Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conheceste. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o paraíso dos cristãos em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio. (PEPETELA, 1992, p.247)

Em *Se o passado não tivesse asas* nota-se o encerramento dessa trajetória teorizada por Inocência Mata. No início do livro, ou seja, na infância da personagem tem-se um ambiente consideravelmente distópico, com a presença da guerra e, portanto, repleto de caos e convulsões sociais. Esse ambiente estará presente durante toda infância e início da adolescência da personagem. Assim, será possível observar nessa parte uma narrativa permeada por violências. Dessas violências, destacam-se as relacionadas ao gênero, ou seja, aquelas que revelam a maior vulnerabilidade feminina em condições de guerra, demonstradas a partir de cenas de estupro, por exemplo, onde toda desordem social causada pelo conflito será explicitada a partir da tomada violenta do corpo desta garota. Além da violência física, a narrativa revela também casos de violência simbólica, como a fome, o abandono, o esquecimento social, e outros fatos que acabam sendo inerentes a um período de guerra. A dor da violência sofrida, tanto no seu aspecto físico quanto psicológico, é apresentada em diversos momentos da narrativa, como por exemplo:

Tudo lhe doía mas o pior não era a dor física. Se sentia roubada, violentada no mais íntimo, como se deixasse de haver qualquer tipo de segurança no mundo. Ao mesmo tempo, uma tremenda vergonha. De não ter podido lutar? Fez o que as forças permitiam, tinha sido pouco. Vergonha, medo, e lá no fundo, uma tremenda revolta, inconfessável. Desânimo também. (PEPETELA, 2016, p. 89)

Nos momentos em que a obra retrata a vivência da personagem já adulta nota-se uma atopia. Afinal o mundo já se baseia em um modo de vida que se pauta em relações de poder e necessidade de obtenção de riquezas. Por esse motivo, não há reflexão sobre as problemáticas de governo, ninguém tem vontade de lutar, apenas se sente desesperança. Assim, esse tempo da obra trará aspectos mais comuns a sociedades atuais, como a venda de mão de obra, as tentativas e buscas desenfreadas por emprego, e, portanto, possível melhoria de vida. Cabe, por fim, dizer que neste momento a sociedade acaba por estar inerte, deixando de lado a busca por ideais ou por melhorias. Como mostra o trecho da obra abaixo:

Hoje, beirando os trinta anos, tudo se afigurava diferente. A inauguração de um apartamento novo poderia parecer pouca coisa. Era, porém, a primeira vez na vida. Embora o apartamento de facto não lhe pertencesse, apenas alugado numa urbanização acabada de construir. E construído por dois quartos, sala modesta, casa de banho, cozinha e arrumo pequeno, um T2. Podia lhe chamar de seu, mesmo se havia outro dono, o verdadeiro, empresa de alguém invisível. Era a primeira pessoa a usá-lo, tinha por isso muito significado, os outros kubikos sempre foram velhos, gastos, miseráveis, passando de mão em mão, cada vez mais velhos e sujos. (PEPETELA, 2016, p.21)

A heterotopia, citada por Inocência Mata como o fim do percurso, será situada no livro por um momento, perto do fim da obra, mas que se dá na vida da personagem. Himba, sai das ruas e vai pro abrigo, começa a estudar, posteriormente abandona todos os resquícios de seu passado, afinal, descobre que toda sua família morreu e ela está sozinha. Nesse momento, surge a oportunidade da mudança de nome, e, assim, de vida. Aqui se tem a heterotopia: Himba passa a ser Sofia e tem à sua frente a possibilidade de construir uma nova vida, deixando pra trás tudo que foi ruim, se construindo como pessoa de uma maneira nova, sem os resquícios e a dor do passado. É nesse sentido que se projeta a possibilidade de um reencantamento com a vida, uma nova vontade, uma nova razão, e um novo percurso a ser estruturado.

A partir da construção desse ciclo, o presente artigo volta o seu olhar para duas representações femininas presentes nas obras para, a partir delas, observar o caráter de interface entre literatura e história nas narrativas de Pepetela. São objetos da análise a personagem Sara, de *A Geração da Utopia*, e como já era de se esperar, Himba e sua transformação em Sofia, de *Se o Passado Não Tivesse Asas*.

Sara é uma mulher muito importante dentro do grupo de estudantes. Foi alguém que participou das articulações políticas na Casa dos Estudantes do Império e auxiliou na fuga para a clandestinidade dos membros perseguidos. Desde o começo da guerrilha, buscou formas de integrar-se na luta, que considerava também dela. Entretanto, por ser mulher e filha de brancos, foi deixada de lado em muitas ocasiões, não podendo participar da luta pela independência da forma como gostaria. Ainda que fosse angolana de nascença, as condições de gênero e principalmente raça, no contexto da luta anticolonial, tornavam-na socialmente excluída da esfera que desejava pertencer. Essa exclusão torna-se perceptível em trechos como o que se segue:

Quer dizer, toda a gente sabia do MPLA. Deviam estar a organizar-se, e ela ficava de lado. Por ser branca, só podia ser. Doeu. É uma fase de desconfiança normal, pensou ela. Mas doía na mesma. (PEPETELA, 1992, p.37)

Pretende-se aqui observar a trajetória da personagem a partir do conceito de memórias subterrâneas, conforme exposto no artigo História, memória e esquecimento: Implicações políticas, de Maria Paula Nascimento Araújo e Myriam Sepúlveda dos Santos. Teorizado a partir do texto Memória, Esquecimento, Silêncio de Michel Pollak, o termo fará referência a memórias não ditas, marcadas pelo silêncio e ressentimento. Tais memórias podem surgir de uma clivagem entre Estado dominador e sociedade civil e/ou sociedade englobante e grupos minoritários. Em suma, são colocadas como proibidas, vergonhosas e em sua maioria se opõem a memória nacional oficial, como mostra a citação:

Esta preocupação tem se traduzido, por um lado, no esforço constante de desvendar as mais sutis e camufladas relações de dominação entre os homens – estabelecidas, muitas vezes, a partir do próprio processo social de construção de memória(s); e, por outro, na intenção de resgatar memórias, experiências e vivências ocultadas e silenciadas. (NASCIMENTO E SANTOS, 2007, p.104)

São, portanto, memórias subterrâneas aquelas que serão obscurecidas, ou seja, guardadas na gaveta, pois geralmente são distintas do discurso majoritário, ou vem de uma esfera social, marginalizada e oprimida, que comumente vem sendo silenciada. Em seu texto, as autoras analisam dois textos de Silvia Salvatici, pesquisadora italiana que estuda, a partir de depoimentos, os impactos da violência na guerra de Kosovo. Ambos os textos de Salvatici foram publicados na *Revista de História Oral*, sendo eles *Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral das mulheres* e *Narrativas de Violência no Kosovo do pós-guerra*, publicados em 2005. Nas duas obras, a autora italiana mostra o aporte novo e revelador trazido pelos depoimentos femininos para a construção da narrativa histórica. Salvatici retoma as semelhanças entre o campo da história oral e o da história das mulheres, pois, em ambos os casos, se tem a preocupação de resgate daquilo que não tem

registro escrito. Nesse sentido, o aporte depoimental traz à tona todo um ponto de vista dos conflitos que era anteriormente eclipsado e que só consegue ser mapeado a partir da busca por testemunhos, como mostra a citação do artigo:

Enfim, uma gama de experiências e formas de enfrentamento de guerras e tiranias que não eram conhecidas, que não apareciam nos relatos e registros históricos, nem mesmo nos depoimentos de pessoas que tinham vivido essas situações. A maioria desses depoimentos era dada por homens a partir de experiências masculinas nas prisões, nos campos de concentração e nos grupos de resistência. A experiência tipicamente feminina deste tipo de situação traumática só pôde aparecer com destaque a partir do cruzamento da história oral coma história de mulheres. E somente a partir disso, foi possível para nós pesquisadores trazer para a história uma dimensão da experiência e da vivência humana inteiramente ignorada porque alicerçada na subjetividade feminina, excluída da narrativa histórica. (NASCIMENTO E SANTOS, 2007, p.106)

A partir do demonstrado, é possível entender basicamente como essas memórias acabam por virar subterrâneas. Elas existem, mas quem as sabe é somente o povo que a viveu uma vez que as mesmas não entrarão na memória nacional. A personagem Sara, têm suas memórias tornadas subterrâneas por ser mulher e por ser uma angolana branca. Sara, assim como alguns personagens masculinos da obra, participa ativamente da oposição, se empenha desde o início, é a responsável pela retirada do grupo de Portugal, posteriormente vai para a guerrilha trabalhar como médica, mas, ainda assim, mesmo sendo provavelmente uma das vozes mais ativas do grupo, em momento algum é considerada uma heroína de guerra, ou é exaltada. A repercussão pública da trajetória de Sara difere-se do que ocorre com seus companheiros homens, que, mesmo desistindo da luta em um dado momento, são exaltados e tidos como heróis. A personagem é nitidamente silenciada por ser mulher e branca. A narrativa dos fatos à partir da sua subjetividade é jogada ao limbo e, em momento algum da obra, recebe o devido reconhecimento.

No caso de Himba e seu percurso de transformação em Sofia, pretende-se aqui fazer uma analogia entre essa transição da personagem e a transição da Angola em guerra para a Angola atual, já inserida na dinâmica social mundial. Himba, em seu princípio, pode se tornar análoga a uma Angola em guerra, tanto colonial quanto civil. Assim como o país, a garota é violentada, usada, abusada e, em um dado momento, busca apoios externos que a mantêm, em certa medida, segura, mesmo que ela tenha que dar algo em troca. No caso da personagem, essa contrapartida é o seu próprio corpo, uma vez que arruma um namorado que a mantêm protegida, em troca dela aceitar ser sua mulher. Já o país, dentro dessa analogia, tem que entregar suas riquezas e até sua mão de obra para poder fazer parte das dinâmicas globais, mesmo que a partir de uma posição periférica.

Assim, o momento em que Himba tem a possibilidade de se tornar Sofia é análogo ao momento em que a Angola sai das guerras e começa a se enquadrar nas dinâmicas globais capitalistas voltadas para arrecadação e acúmulo de riquezas. Assim como se inicia uma busca quase que desenfreada desses ideais, tanto na personagem quanto no país, nada mais importa, apenas o dinheiro e o *status* social almejados passam a ser valorizados. É possível notar, nos dois casos, uma tentativa de esquecimento desse passado, principalmente nos aspectos considerados ruins e violentos, ainda que o mesmo venha à tona diversas vezes. Essa dinâmica, no caso do país, parece funcionar como um farol para evitar que se repita, já no da personagem, para que ela reflita sobre suas escolhas e o que valoriza.

Para concluir, observando todos os pontos tratados no artigo, é possível entender essa maneira de escrita de Pepetela, vendo a necessidade da retomada histórica para que, tendo consciência do passado, não se repita os mesmos erros no futuro. É evidente no desenvolvimento literário angolano a importância desta interface entre literatura e história, uma vez que a partir dessa mescla se cria o que vem a ser essa nação que buscou se diferenciar após o jugo colonial. Essa mescla vem como fonte nacionalizante e Pepetela, em praticamente toda sua produção literária, faz isso mostrando que a nação não é homogênea, mas sim uma mistura de vozes e grupos sociais com trejeitos distintos que devem ser ouvidos, respeitados e, mais que isso, mostrados. Assim, o autor escreve essa história, que nada mais é que um fruto do presente que se baseia no passado, trazendo toda narrativa angolana pela voz multicultural que habita o espaço e cria, assim, uma visão mais real do que é de fato o Angola. Desse modo, a partir da leitura das duas obras analisadas, é possível observar diferentes aspectos da trajetória angolana, reelaborada a partir de discursos individuais, que se unem e desenrolam o que vem a ser a história nacional. Portanto, é na união de ambos os romances que observamos a formação de uma representação multifacetária do país, que traz à tona vários pontos importantes para uma análise baseada em caracteres do pós-colonial. Como a representação do indivíduo e do seu papel social enquanto parte da nação.

Notas

Agradeço ao CNPq – PIBIC/UFSCar pelo financiamento do presente artigo.

Referências

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sapúlveda dos. *História, memória e esquecimento: Implicações políticas*. Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais, 2007.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

MATA, Inocência. *A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares comuns*. In: LEÃO, Ângela Vaz (Org.). *Contatos e Ressonâncias Literaturas africanas de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003.

MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana: O caso de Pepetela*. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

MATA, Inocência. *Pepetela: a releitura da história entre gestos de reconstrução*. In: MATA, Inocência. *Laços de memória & outros ensaios sobre literatura angolana*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2006.

PEPETELA. *A Geração da Utopia*. São Paulo: LeYa, 2013.

PEPETELA. *Se o passado não tivesse asas*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

Para citar este artigo

FRANZINI, Letícia Alves; LAKS, Daniel Marinho. História no feminino: a representação da mulher angolana em diferentes tempos na obra de Pepetela. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8, n. 3, p. 113-124, set.-dez. 2019.

Os autores

Letícia Alves Franzini é graduanda do curso de Letras (Português/Espanhol) pelo Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente realiza pesquisas na área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, com ênfase na literatura pós-colonial angolana.

Daniel Marinho Laks é professor adjunto 1 A da Universidade Federal de São Carlos. Possui doutorado pelo programa de pós-graduação Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com período sanduíche de doze meses na Universidade de Coimbra (2016). Possui mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2011) e mestrado em Ciências Biológicas (Fisiologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estácio de Sá (2005). Atualmente atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura e Política, Modernismos em modernidades incipientes, trocas culturais em espaços de língua portuguesa.